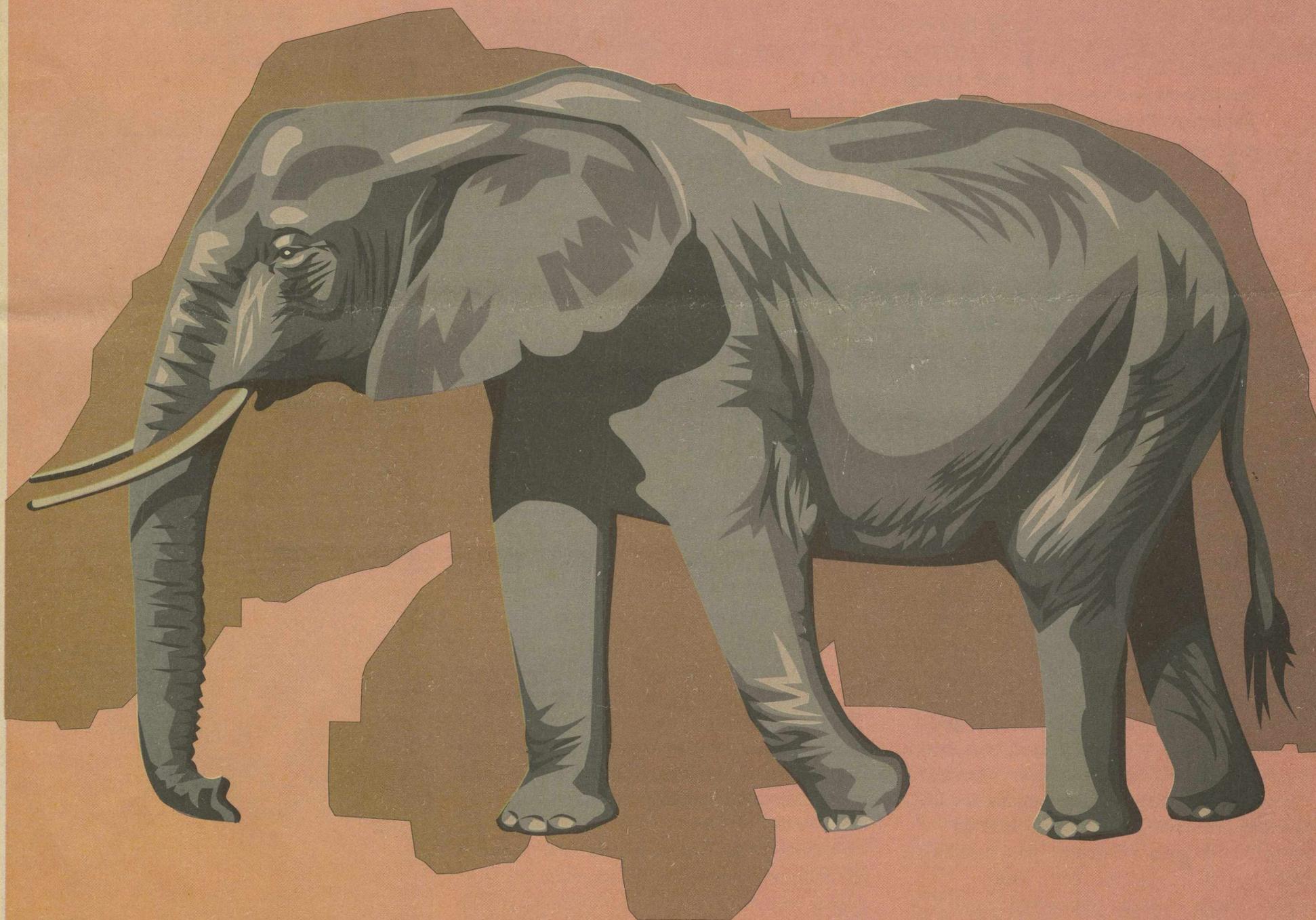


Os Nomes da Terra



Nós, comedores de camarão Página 4

Xaria não desce e canguleiro não sobe Páginas 6 e 7.

Revista traduz riqueza cultural da terra potiguar Página 11

Super Cupim e o combate à ditadura Página 12



Os municípios do RN estão repletos de nomes de animais.

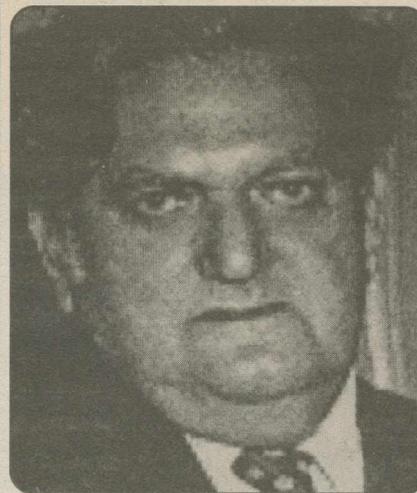
3

Com apenas três anos de vida, a revista *Preá*, editada pela FJA, já firmou seu nome no cenário cultural do RN. Página/11

O quadrinista Emanuel Amaral se inspirou no cupim e criou uma revista com esse nome.

12

4 A liderança do índio Poti, batizado na fé católica com o nome de Felipe Camarão, foi de grande importância para a nossa formação cultural, segundo os historiadores europeus.



6 O historiador Luís da Câmara Cascudo estudou a origem dos apelidos xaria (moradores da antiga Cidade Alta) e canguleiro (moradores da Ribeira): vem da gastronomia.

Editorial

Os Nomes da Terra

Em “Nomes da Terra”, o historiador Luis da Câmara Cascudo faz uma análise da origem das denominações de vários municípios do Rio Grande do Norte. O nome do município de Acari, por exemplo, o mestre diz que vem de um peixe comum nas águas do rio Acauã; é um peixe-cascudo, de escama áspera e saborosa carne, branca e tenra.

A edição deste mês de **Nós, do RN** se dispõe a mostrar ao nosso leitor esses nomes da terra, mas a nossa equipe de colaboradores não se prendeu apenas a focar a origem das denominações dos municípios. Por exemplo, eles foram beber na mesma fonte – Câmara Cascudo - para descobrir a origem da rivalidade histórica entre xaria e canguleiro, uma peleja que remonta ao Século XIX.

E o galo que tornou popular a igreja de Santo Antônio? Descobrimos que foi o capitão-mor Caetano da Silva Sanches, então governador da Capitania do Rio Grande, que doou a ave de bronze que ornamenta a torre da igreja de Santo

Antônio. O galo ganhou um belo poema de Zila Mamede.

Nossos colaboradores pesquisaram e mostram para os leitores que potiguar significa comedor de camarão e tem origem nos índios Potiguares, do grupo dos Tupis, que viviam no litoral.

Ainda sobre os “Nomes da Terra”, o mestre Luis da Câmara Cascudo revela que o município de “Tangará tem vocação para nome de pássaros canoros”. Uma fazenda próxima mudara seu nome de Caiçara para Uirapuru, “vocábulo sonoro, fácil, vulgarizado no uso popular, embora na ausência dessas aves.”

Cascudo diz que o município de Parelhas deve seu nome ao costume dos moradores de fazerem disputa em corridas de cavalos; Goianinha vem do vocábulo tupi gui-ana, que denomina caranguejos e diz que não é estranho o parentesco com guaiamum, goiamum.

Esperamos que nossos leitores se deliciem com essa edição. Boa leitura.



Estado do Rio Grande do Norte
Assessoria de Comunicação Social

WILMA MARIA DE FARIA
Governadora do Estado

ALUÍSIO LACERDA
Gabinete Civil do Governo do Estado

MANOEL BATISTA DE MOURA NETO
Assessoria de Comunicação Social



DICKSON RICARDO NASSER DOS SANTOS
Diretor Geral

JURACIR BATISTA DE OLIVEIRA
Coordenador de Administração
e Editoração

MARCELO ANDREI SANTOS NERO
Subcoordenador de Finanças

EDUARDO DE SOUZA PINTO FREIRE
Subcoordenador de Informática

Nós, do RN

editor-geral
EDILSON BRAGA

chefe de redação
MOURA NETO

Secretário de Redação
EDSON BENIGNO

Secretário Gráfico
VALMIR ARAÚJO

equipe redacional

PAULO DUMARESQ - REPORTAGEM
ANCHIETA FERNANDES - PESQUISA

CLÓVIS SANTOS/JOÃO MARIA ALVES - FOTOGRAFIA

Diagramação e arte final

EDENILDO SIMÕES
PAULINHO CAVALCANTI JR

Capa

EMANOEL AMARAL

Colaboradores

CARLOS MORAIS
CARLA XAVIER
CARLOS DE SOUZA
ROSA LÚCIA ANDRADE

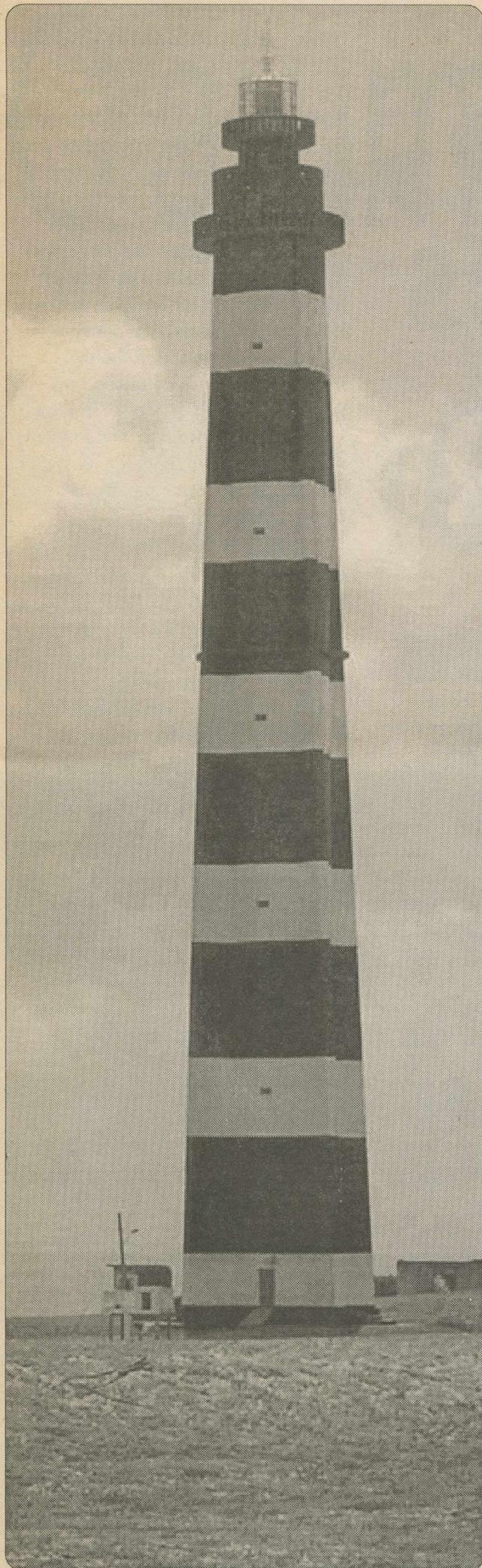
Coordenação Gráfica
WILLAMS LAURENTINO



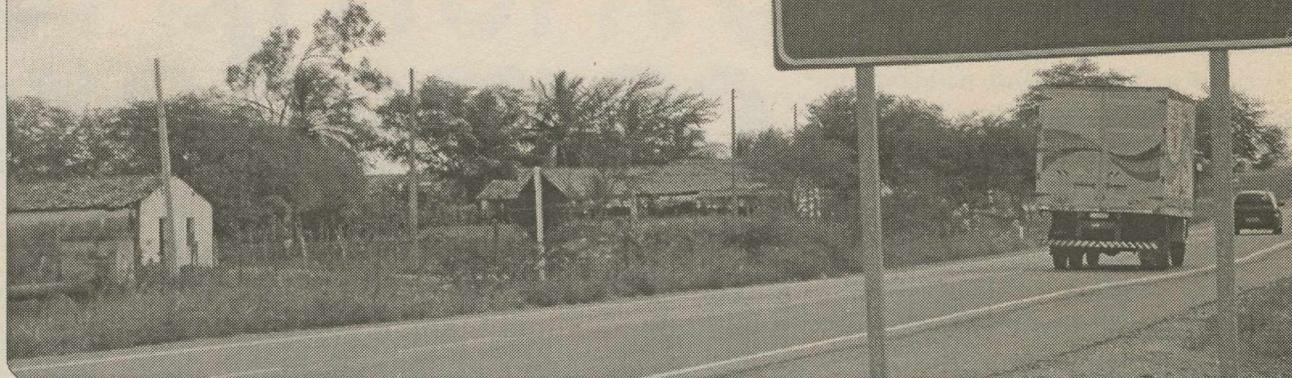
Departamento Estadual de Imprensa

Av. Câmara Cascudo,
355 - Ribeira - Natal - RN
CEP: 59.025 - 280 -
Tel.: (84) 3232 6793

Site: www.dei.rn.gov.br - e-mail: dei@rn.gov.br



O município de Tangará tem vocação para nome de pássaros canoros. Uma fazenda próxima mudará seu nome de Caiçara para Uirapuru. Touros (farol ao lado) recebeu esse denominação pela grande quantidade de bovinos em suas terras.



Nomes da Terra

Texto: CARLOS DE SOUZA

Os nomes dos municípios potiguares estão repletos de denominações oriundos do mundo dos animais. O mestre Câmara Cascudo registra em seu livro *Nomes da Terra* uma série deles. Acari vem de um peixe comum nas águas do Rio Acauã, “peixe-cascudo, de escama áspera e saborosa carne, branca e tenra”. Temos também o caso de Afonso Bezerra, cujo nome original é Carapebas, peixe gordo e abundante no rio Amargoso ou Salgado. Nova Cruz teve o nome original de Anta Esfolada.

O município de Areia Branca tem seu nome original na Maritacaca, um tipo de gambá nativo. Baía Formosa tem seu nome original retirado de uma denominação indígena de Aretipicaba para bebedouro de papagaios. A cidade de Pedro Velho já teve uma estação de trem com o nome de Curimataú, outro nome de peixe. Já o município de Umarizal, um dia foi chamado de Gavião. O município de Equador um dia recebeu a denominação de Periquito.

Felipe Guerra já foi chamado de Pedra D’Abelha, “onde as abelhas enxameiam no interior de um grande bloco calcário”. Florânia já foi denominada de Roça do Urubu. Galinhos tem seu nome advindo de um peixe e não de uma ave como muitos pensam. “Zona histórica de atividade pescadora, notadamente pelas safras de voadores e galos, carangídeos e zeídeos, saborosos, outrora abudantíssimas”, diz o mestre.

Goianinha vem do vocábulo tupi guai-ana que denomina caranguejos, portanto não é estranho o

parentesco com guaiamum, goiamum. Ipueira nasceu nas proximidades do Riacho do Boi. Jaçanã vem de uma ave, a “inquieta e viva Jaçanã, parrídeo povoador das lagoas no inverno sertanejo”. Jardim de Piranhas deve seu nome ao peixe que povoava o rio de mesmo nome. Jucurutu provém “da abundância, antigamente, dessas aves, *Bubo megallanicus*, uma espécie de coruja de canto apavorante e tétrico”.

Parelhas deve seu nome ao costume dos moradores de fazerem disputa em corridas de cavalos. Santo Antônio do Salto da Onça dispensa explicações. Nome bonito, folclórico, poético. Mas um padre teve a triste idéia de retirar a parte da onça deixando só o nome do santo. São Gonçalo do Amarante já recebeu o nome de Vila Felipe Camarão, herói potiguar que levava o nome do delicioso crustáceo no sobrenome.

O município de Rodolfo Fernandes já teve o engraçado nome de São José dos Gatos. Tangará tem vocação para nome de pássaros canoros. Uma fazenda próxima mudará seu nome de Caiçara para Uirapuru, “vocábulo sonoro, fácil, vulgarizado no uso popular, embora na ausência dessas aves”. Touros recebeu esta denominação pela grande quantidade de bovinos em suas terras. Assim a história dos nomes de nossas cidades sempre esteve ligada ao universo dos bichos. A leitura do livro de Câmara Cascudo reserva surpresas deliciosas com a origem dos nomes dos lugares quase sempre entrelaçada à natureza.

O Rio Grande do Norte tem fortes traços indígenas sem que grande parte de sua população se dê conta disso. Começando pela denominação para quem nasce nessas terras: *Potiguar* – comedor de camarão, de *poti-guara*. Os índios Potiguares, do grupo dos Tupis, viviam no litoral, com domínio de terras entre os rios Paraíba (no estado da Paraíba) e Jaguaribe (no Ceará). Mas foi por causa do aldeamento na margem esquerda do rio Potengi (*poti-gi* - rio dos camarões), liderado pelo índio Poti, que ficaram mais conhecidos pelos europeus.

Os Potiguares eram um dos grupos mais fortes na Capitania do Rio Grande, e mais evoluídos tecnicamente do que os Tapuias que habitavam o interior, mais precisamente a partir da região do rio Açu. O primeiro contato com os europeus não foi fácil, mas os Potiguares foram aliados dos portugueses pelo menos em dois momentos marcantes da história do Rio Grande do Norte: na luta contra os holandeses, que tinham o apoio de várias tribos de Tapuias; e na colonização do sertão, enfrentando a resistência dos mesmos Tapuias.

A liderança do índio Poti (há o registro de vários com o mesmo nome, mas o principal deles foi batizado na fé católica com o nome de Antônio Felipe Camarão), foi tão importante, do ponto de vista dos historiadores europeus, que permaneceu, depois de anos, a denominação para quem é norte-rio-grandense. E não pode ser considerada errada essa ligação. Como no Estado não houve presença forte de negros a miscigenação se deu, em sua maior parte, entre indígenas e brancos. Vem daí uma lista grande de costumes tipicamente do povo que habitava essas terras antes da influência européia diluído culturalmente.

Não precisamos ir muito longe para observar os gestos, costumes, preferências culinárias. “Digo muito em minhas aulas que a melhor herança que o indígena nos deixou foi a rede de dormir, a tapioca (na verdade o beiju) e o banho”, relaciona o professor Luís Eduardo Suassuna, da cadeira Formação Histórica do Rio Grande do Norte, do Departamento de História da Universidade Federal. E cita ainda outros

NÓS, comedores de camarão

Texto: Rosa Lúcia Andrade
Ilustração: Cedida



O índio Poti foi batizado na fé católica com o nome de Antônio Felipe Camarão.

costumes que podemos observar e constatar, principalmente nas pequenas comunidades ainda não descaracterizadas pela “globalização”: o costume de conversar em rodas de amigos na posição de cócoras; comer feijão verde amassando pequenos bolos com as mãos; comer milho assado andando, sem estar sentado à mesa (diferente do cozido, da culinária portuguesa); o uso da mandioca em vários pratos; carregar as crianças escanchadas de lado, entre outros costumes tão incorporados ao dia-a-dia de qualquer potiguar.

Com a catequese e a miscigenação

desses índios sua cultura foi, aos poucos, sendo diluída na cultura européia e os traços que ficaram não tiveram destaque. Os conflitos registrados na Capitania do Rio Grande no Século XVII, com a Rebelião dos Tapuias (conhecida também como a Guerra dos Bárbaros) que durou mais de 20 anos, foi um dos principais motivos de dizimação das principais tribos. Além da grande mortandade houve a fuga de muitos para o Ceará. Entre os Potiguares, que também estiveram presente na Rebelião, lutando a favor dos colonizadores portugueses, sem conhecer fronteiras, se fixaram em forma de comunidade reconhecidamente indígena na Baía da Traição, já em terras paraibanas e até hoje permanecem lá.

Os registros documentais sobre os indígenas são poucos, segundo o professor Luís Eduardo Suassuna. “Existe uma lacuna na história dos índios no Rio Grande do Norte, principalmente durante o século XVIII”, afirma, referindo-se ao período pós Rebelião dos Tapuias.

Quem eram os Potiguares

Quando os portugueses chegaram, segundo “História do Rio Grande do Norte” (Luiz Eduardo Suassuna e Marlene da Silva Mariz, Editora Sebo Vermelho), encontraram cerca de “164 fogueiras” (citando Cascudo) nas proximidades da boca da barra do então rio Grande.

Os Potiguares estendiam seus domínios entre a Paraíba e o Ceará. Segundo estudiosos, tinham porte mediano, acima de 1,65m, físico bem feito, eram alegres e considerados inteligentes. Diferente dos Tapuias, tinham atividades mais desenvolvidas tecnicamente como a pesca, a navegação, o cultivo da mandioca e do milho.

Fisicamente, tinham olhos pequenos e amendoados, chegando a ser comparados à raça mongólica, eram escuros e encovados, cabelos lisos, arrancavam os pelos do rosto, tinham orelhas

grandes que furavam como o nariz e o lábio inferior. Andavam nus e cobriam o corpo com peles de animais dependendo do clima. Andavam soltos e sempre às margens dos rios.

A luta com os Tapuias não teve início com a colonização portuguesa. Antes dos Potiguares serem principais aliados dos portugueses em vários momentos, travavam combates com os índios que viviam no sertão, principalmente nas regiões serranas.

Com as dificuldades da estiagem os Tapuias desciam as serras em direção ao litoral, em busca de sobrevivência e lutavam contra o domínio de terras das tribos litorâneas. A colonização do sertão e a guerra contra os holandeses foram dois momentos de combate entre esses indígenas.

Os Potiguares, em sua maioria, ao lado dos portugueses, combateram os Tapuias que resistiam à tomada das terras dos sertões. Os portugueses avançaram para o interior em busca de terras para a criação do gado, impossível no litoral já demarcado e ocupado com as plantações de cana-de-açúcar. Nessa ocupação os indígenas daquela região ou eram dizimados ou feitos prisioneiros e escravos.

O alumbramento de Nassau

Nassau jamais se desconectou do seu primeiro alumbramento em terras e mares do Nordeste brasileiro. As aristocráticas retinas européias do conde Maurício de Nassau arregalaram-se fascinadas diante da boemia de cores da avifauna tropical, dos contornos ondulatórios das dunas de areia, arrodada de lagoas prateadas, e de um matagal que verdejava a perder de vista. O choque estético edênico tremeluzia e entontecia todos os sentidos do onipotente e sensível governador do Brasil holandês. Na arrebatadora seqüência de encantamentos, encompridava também o seu olhar para emoldurar aquela incrível tonalidade exibida pelos mares, e ainda para desfrutar da abundante piscosidade dos caudalosos rios que serpenteavam à sua frente. Nassau babava de prazer e entusiasmo.

No final da terceira década do Século XVII, o gerentão-executivo da Companhia das Índias Ocidentais (multiempresa colonial que se apossou do Nordeste, durante 24 anos, entre 1630 e 1654, num consórcio bélico-comercial ao lado do governo dos Países Baixos) carimbaria seu nome na História do Rio Grande do Norte. Sua proeza histórico-etnográfica é uma homenagem a dois símbolos da terra: à velocíssima ema (Rhea americana) e aos não menos ágeis índios tapuias. Essa dupla glorificação alegórica ficou registrada no brasão holandês especial de armas da província, conquistada em dezembro de 1633.

Em 1637, Nassau, ao cumprir seus oito primeiros meses em uma intensa campanha bélica nas terras ocupadas, contra os luso-espanhóis e brasileiros, do Recife às margens do rio São Francisco, enfrentou também uma grave crise de malária (“moléstia assaz

Texto: Carlos Morais
Ilustração: Cedida



Nassau não se desconectou do seu alumbramento com o NE

demorada”, segundo escreveu Barleus), contraída em Penedo (Alagoas), ocasião em que ficou em tratamento durante três meses.

Aproveitou, na seqüência de seu retorno para o Recife, para uma viagem de recuperação dos rigores da enfermidade, no clima recomendável em terras das duas capitânicas vizinhas: na Paraíba, no final de 1637, e no Rio Grande, nos primeiros dias de 1638. O novo governador do Brasil holandês, evidentemente, mostrava interesse em conhecer o interior de seus amplos

domínios, ainda em fase de progressiva expansão, zelar pela sua fortificação e sentir os problemas dos seus súditos. Realizou, nessa odisséia no Novo Mundo, uma impressionante cavalgada de cerca de 135 léguas, tarefa na qual avaliou e sentiu a porção setentrional da colônia. O cavalo, agora no Brasil, continuava a fazer parte da rotina do experiente ginete europeu, não muito chegado às extravagâncias marinhas, sentida logo na sua tumultuosa viagem de chegada ao Brasil.

O mecenas renascentista no Nordeste, trazia a tiracolo sua “memória visual”, o jovem pintor holandês Frans Post, de pouco mais de 25 anos, que debutou em terras rio-grandenses com um belo painel do Forte dos Santos Reis, batizado, na época, de Castelo Ceulen, pelos holandeses, em que ficou abrigado Nassau, que ali receberia apoteótica homenagem de Janduí, o chefe dos tapuias, acompanhado de guerreiros de sua tribo. Já na sua campanha até o São Francisco, Nassau, em suas cavalgadas, elogiaria os cavalos, particularmente, os de Sirinhaém, em Pernambuco, pelos quais tinha uma estima especial e que foram os animais escolhidos para decorar o brasão de armas daquele distrito. E, seguramente, incluiu os cavalos de Sirinhaém, durante o seu governo, entre os presenteados ao príncipe de Orange, a quem obsequiara

também com papagaios e veados-mateiros.

Viveiros de gado – Essa penetração interiorana do governador do Brasil holandês, ao marchar de Serinhaém a Porto Calvo e, depois, de Jaraguá ao São Francisco, representava o seu primeiro contato genuíno com os seus domínios territoriais do Nordeste do Brasil. E ficou deslumbrado, com um sentimento expressado em carta, escrita de Penedo, a 25 de agosto de 1637, a Frederico Henrique, na qual extravasou:

“Seguindo cerca de 53 léguas, encontrei todo um país que, penso eu, dificilmente seria superado em amenidade e moderação do céu. Quando jornadeava, nem me incomodou o calor diurno nem o frio noturno, conquanto às vezes se me arrepiasse o corpo. Rasgam-se planícies numa extensão de dez milhas a fio, regadas por cursos d’água temporários e arroios que fluem tranqüilos. Aqui e ali, vagueiam animais, que pastam em manadas de 1500, 5 mil, 7 mil cabeças. Pasmeei, e não acreditaria nestas maravilhas se não as contemplasse com estes olhos. Só de habitantes carece a terra, e pede colonos para povoar e cultivar seus desertos”. E, durante a Insurreição de 1645, em outubro, quando o forte Nassau, que ele mandara construir em Penedo, foi tomado e expulso os holandeses da fortificação, o novo governo holandês, perdido o “viveiro do nosso gado”, como chamavam àquela região do baixo São Francisco, só restou desse golpe pesado a esperança de abastecer suas tropas e sua gente, no Recife, com os famosos currais de gado do Rio Grande.

Gadaria que também já empolgara os holandeses, em dezembro de 1631, na tentativa de invasão da capitania do Rio Grande. Naquele verão, as tropas do tenente-coronel Steyn-Callenfels, refugiadas na enseada de Genipabu, vibraram com o troféu arrebanhando pelos companheiros, nas terras do litoral: uma grande quantidade de gado trazida das cerca de 2.000 cabeças de gado bravio. “Durante três dias consumimos mais carne fresca do que no decorrer de todo o ano anterior”, deliciou-se Ambrosio Rishshoffer, um dos soldados presentes e autor de um “Diário” sobre os primeiros acontecimentos da ocupação holandesa.

O historiador Luis da Câmara Cascudo afirma que os apelidos de xarias e canguleiros vieram de iguarias gastronômicas. Na Ribeira(foto), predominavam os xarias.



A história registra que briga entre xarias e canguleiros remonta ao Séc. XIX. A cidade alta era reduto dos xarias

Xaria não desce...

Texto: Paulo Jorge Dumaresq
Foto: João Maria Alves

Na Cidade Alta os gostos se decidiam pelo xaréu, *Caranx hippos* e xarelelete, *Caranx chrysos*, vindos de Areia Preta

Não se sabe ao certo em que ano a rivalidade entre xarias e canguleiros teve início. O que os anais da história registram é que a peleja remonta ao Século XIX, dividindo os bairros de Cidade Alta e da Ribeira e multiplicando as décadas. Nos dias de hoje só restam as reminiscências perdidas no tempo e nos livros dos historiadores. De qualquer maneira, os episódios envolvendo xarias e canguleiros resistem aos fatos contemporâneos, porque estão tatuados na memória de uma

cidade chamada Natal.

No Canto da Ribeira, fim da rua Chile e da rua Silva Jardim, atracavam jangadas e botes de pescaria trazendo peixe abundante. O pescado mais farto era o cangulo, *Balistes carolinensis*, peixe de coloração cinza-esverdeada, com manchas de outras cores, tido como venenoso em certos períodos do ano. A pele é provida de escamas rômbricas com pequenos tubérculos espinhosos.

Já na Cidade Alta, os gostos se decidiam pelo xaréu, *Caranx hippos*, e xarelelete, *Caranx chrysos*, vindos de Areia Preta e Ponta Negra. O xaréu é peixe de cabeça volumosa, com área

sem escamas na base das peitorais, dorso azul-escuro, abdome amarelado, com mancha negra no opérculo e outra na base das nadadeiras peitorais. Também não se explica o porquê dos habitantes da Cidade Alta fazerem questão fechada do xaréu e os da Ribeira darem sempre preferência ao cangulo. Talvez por pirraça mesmo.

Esclarece o historiador Luís da Câmara Cascudo que os apelidos de xarias e canguleiros vieram dessa preferência gastronômica. Explica ainda que a Cidade Alta, historicamente, começava numa colina, vértice do ângulo formado pela junção de duas ruas, Junqueira Aires e João Manuel, ao square Pedro Velho. Os xarias instalavam-se nos “barreiros” localizados no edifício onde hoje funciona o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte.

Como o próprio nome denuncia, a Ribeira era um alagadiço d’água salobra que se espriava por toda a praça Augusto Severo, também conhecido como o Salgado. Para o trânsito havia uma simples pinguela, um toro de madeira, atravessando, logo depois da Estação da Estrada de Ferro, o sulco por onde corriam as águas. Conforme Câmara Cascudo, no local onde hoje está localizado o Teatro Alberto Maranhão só havia água e lama.

Xarias e canguleiros somavam juntos 20 mil habitantes. Os comedores de cangulo bebiam águas trazidas em ancoretas e barris da cacimba de São Tomé, enquanto que os apreciadores de xaréu tomavam águas do riacho Tirol sul, Baldo, que antigamente se chamara Rio da Fonte. História ainda Cascudo que os meninos xarias, da Cidade Alta, tinham os banhos do Baldo e as fugidas heróicas para o Passo da Pátria. “Nós canguleiros, da Ribeira, éramos senhores do rio, dos seus mangues, crustáceos vistosos, morés lentos e baiacus de barriga importante”, depõe.

O limite máximo entre xarias e canguleiros era uma ponte formada por toros de madeira que facilitavam o trânsito. Da ponte para cima viviam os xarias e da ponte para baixo moravam os canguleiros. A divisa comum, entretanto, demarcava-se no beco do Tecido, rua Juvino Barreto, extrema atual da Igreja do Bom Jesus das

...canguleiro não sobe

Dores. Dizia-se “tecido” a fábrica têxtil que ficava logo depois do beco.

Das seis horas da tarde às dez horas da noite, ninguém poderia mais circular de um bairro para o outro, a não ser se fosse autoridade ou figura de destaque social. Nos postos de comando, ficavam as “tropas” insultando-se reciprocamente, com os desaforos mais rudes.

Quem passasse próximo aos postos, ouviria os gritos constantes, cortando as noites escuras:

- Xarias frouxo, se for homem, desça...

- Canguleiro covarde, se quiser apanhar, suba...

Bastava um xarias olhar atravessado para um canguleiro, ou vice-versa, que o pau cantava. Moleques, valentões, meninos de escola, praças do Exército e do então Batalhão de Segurança, mais o lúmpen dos dois bairros, trocavam insultos e porrada a qualquer hora do dia e da noite. O curioso é que o Batalhão de Segurança tinha o seu quartel na Ribeira e o Exército era sediado na Cidade Alta.

Conforme Cascudo, “do beco do Tecido em diante só os campeões se afoitavam depois do escuro da noite. Pau tostado, miolo de aroeira, quiri, canivete, tomavam a palavra entre safanões, murros, capoeiragem e vasta descompostura expressiva”.

Com efeito, as contendas chegaram a tal nível de violência que as autoridades, antevendo que a rixa acabaria em algo pior, resolveram pôr fim àquela luta inglória entre irmãos do mesmo sangue. Não foi fácil. A polícia teve mesmo que usar da força para acabar a séria e tão prejudicial querela provinciana.

Outro fato que contribuiu para a



As contendas entre xarias e canguleiros chegaram a tal nível de violência que as autoridades resolveram por fim àquela luta inglória entre irmãos do mesmo sangue

trégua entre xarias e canguleiros foi a circulação dos bondes de burro, a 7 de setembro de 1908, subindo e descendo a ladeira que distanciava a Cidade Alta da Ribeira. “O calçamento da avenida Junqueira Aires levou esse elemento a ponto de fusão. Misturaram-se, confundiram-se, uniformizaram-se”, anota o canguleiro mais ilustre.



O Galo

No pouso
Assento
Ave alti plana
O galo
Atento
Firme espacial.

Fundido ferro
(galo ferreiro)
Sem pluma e
Canto-voz-matinal.

De ser vigia
Vive a ave-seta
Secularmente
Galo em seu posto
Ave anuncia
Natal cidade:
Não Natal-dia.

*O Galo (do Convento Santo Antônio), poema de Zila Mamede.



Um galo altaneiro na torre da Igreja

Foto: JOÃO MARIA ALVES

Devoção. Foi isto que motivou o capitão-mor Caetano da Silva Sanches, então governador da Capitania do Rio Grande, a doar o galo de bronze que hoje ornamenta a torre da Igreja de Santo Antônio, também conhecida como Igreja do Galo. Silva Sanches governou a Capitania, de agosto de 1791 a março de 1800, tendo contribu-

Ído decisivamente para a edificação da torre. Diz a tradição oral que Silva Sanches faleceu ao ouvir a primeira missa. Ledo engano, uma vez que a Igreja existia em julho de 1763 e Sanches morreu, de um estupor, em março de 1800.

A Igreja do Galo

Localizada na Cidade Alta, em pleno centro histórico de Natal, a Igreja de Santo Antônio denominou a rua onde foi implantada, sendo o terceiro templo católico construído na capital. No alto da porta principal do templo, existe uma inscrição – 1766 –, provavelmente, o ano de conclusão de suas obras. É, porém, desconhecida a data do início de sua construção. O mais antigo documento referente à Igreja de Santo Antônio data de 15 de julho de 1763.

Trata-se de carta-de-data concedida ao alferes José Barbosa de Gouveia, referente a terreno, na “rua nova de Santo Antônio, correndo das casas de sua morada, para a parte do Rio, para aumentar a cidade”. Lê-se ainda no histórico documento o seguinte: “...cinco braças e meia de comprimento e dez de fundo, nesta Cidade, no caminho que vai dela para o Rio-de-beber-água, encostando nas outras que já têm na mesma paragem, na rua da Igreja de Santo Antônio”.

Nos documentos antigos, o templo aparece também sob a denominação de Igreja de Santo Antônio dos Militares, em razão dele ter abrigado em seu consistório o primeiro quartel policial de Natal, alojando a tropa da Companhia de Polícia, desde a sua fundação em 4 de novembro de 1836, até o fim de 1862.

O prédio da Igreja foi construído por partes, tendo sofrido ampliações, com a finalidade de atendimento às atividades ali desenvolvidas. Primeiramente como

quartel, e em seguida como colégio, pois no antigo prédio do convento instalou-se o Colégio Diocesano Santo Antônio, fundado no dia 2 de março de 1903. Depois o colégio passou para a direção da Congregação dos Irmãos Maristas, a 26 de dezembro de 1929, com a denominação de Colégio Santo Antônio Marista. A partir de 1938, quando o colégio transferiu-se para a sua nova sede, na rua Apodi, as instalações da Igreja foram ocupadas pelos frades Capuchinhos.

Destacando-se dos demais templos da cidade pela sua singularidade arquitetônica, a Igreja de Santo Antônio constitui-se em exemplar raro da arquitetura barroca, em Natal, a que se convencionou chamar de barroco jesuítico. O templo apresenta fachada principal emoldurada por cunhais de pedra e arenito, e cimalha de massa. A fachada compõe-se de um corpo central, ala lateral e torre quadrangular, com cúpula revestida de azulejos reluzentes encimada pelo galo

que identifica a Igreja. Afirma-se ainda que o galo foi fixado na torre para ser ponto de referência aos antigos que buscavam os caminhos da Cidade Alta.

O interior do templo apresenta o arco-cruzeiro em pedra de arenito, retábulo, e dois altares laterais em madeira entalhada, característicos do período final do barroco. Conta-se que os altares laterais já foram pintados de dourado. Hoje se encontram encerados na cor natural, como eram na sua concepção original.

A Igreja do Galo forma junto com a Igreja Matriz, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, o Memorial Câmara Cascudo, o Museu do Sobradinho e o Palácio da Cultura, um conjunto arquitetônico harmonioso e digno de preservação. Pela importância histórica e arquitetônica, a Igreja foi restaurada pela Fundação José Augusto, sendo reinaugurada em março de 1981 e tombada em nível estadual, em 29 de março de 1983.(PJD)

Texto: Anchieta Fernandes

A magia revelada de um canto de muro

Quando se fizer uma tentativa séria de leitura crítica da bibliografia norte-rio-grandense, sob o prisma selecionador, um dos livros da monumental obra de Câmara Cascudo não poderá ser esquecido, sob hipótese nenhuma. Trata-se de “Canto de Muro”. Publicado pela primeira vez em 1959, pela Editora José Olympio, do Rio de Janeiro, representava algo de totalmente diferente do que fora até então o interesse do folclorista e historiador.

Sinestesticamente, o autor de “Canto de Muro” consegue, com grande inteligência de construção literária, um verdadeiro hino de amor à natureza observada.

Até mesmo quando descreve atos cruéis, o faz com força bastante para transpor suposições focadas em determinadas espécies. Cheguei a me emocionar e sentir pena da jararaca, sofrendo todas aquelas crueldades no ataque que lhe faz a acauã. No seu hino de amor à natureza observada, Cascudo faz com que a própria água, o elemento mineral, essência da vida, também receba homenagem em capítulo especial (“Irmã Água”, pgs. 213 a 220).

Importante igualmente é o aspecto científico do livro, as teses próprias que Cascudo propõe: por exemplo, a tese de que os pequenos animais não são apenas instinto, e sim também inteligência. Ou a de que há dois tipos de cantos de aves: o das aves em liberdade e o das aves presas em gaiolas. E Cascudo mostra o erro de La Fontaine, na fábula “A Cigarra e a Formiga”; pois “não há cigarras no inverno”. Portanto, ponto para o escritor brasileiro.

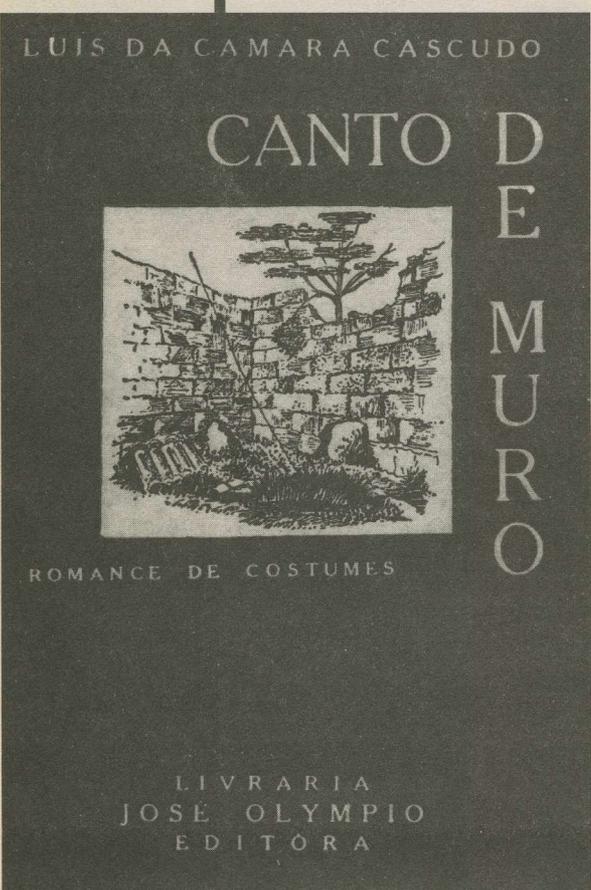
O LIVRO (LEITURA CRÍTICA)

Canto de Muro é um excelente texto, alternando reportagem com crônica poética

Desta vez, se voltara não para observar hábitos humanos ou contar os fatos da vida social e política do animal hominida, e sim registrar hábitos e fatos da vida comumente desprezada de pequenos animais. É uma espécie de bestiário. Lembra as fábulas de Esopo e La Fontaine, sem as urdiduras fantasiosas e narrativas dos referidos fabulistas. Não concordo que seja um “romance de costumes”, como o próprio Câmara Cascudo intitulou.

Embora contendo episódios até de teor dramático, o livro é, sim, um excelente texto, alternando a reportagem científica com a crônica poética, deixando fluir beleza de estilo, às vezes humorístico, às vezes apenas lírico. Como um poeta, situando-se dentro de um cenário simples mas denso de significado (o tanque limoso, as árvores frutíferas), Cascudo abre todos os seus aparelhos de recepção sensorial às magias da existência animal.

Registra a força poética de: musicalidade (v. capítulo sobre o canário), visualidade (v. capítulo sobre as efeméridas), tato (v. as referências às línguas das cobras, que servem de tato), olfato (v. as referências ao chamariz olfativo sexual) e paladar (v. capítulo sobre o sapo).



A HISTÓRIA DO LIVRO

Interessante que livro de tal magnitude conteudística nasceu rapidamente, e sem muito planejamento. Nas orelhas da primeira edição, se informa que o próprio Cascudo considera o livro “de poucos meses vivido em muito mais de quarenta anos”.

Em depoimento a Carlos Lyra, datado de 1999 (v. “Cascudo por ele mesmo”, fascículo 05 da série “Leituras Potiguaras”, do jornal “Diário de Natal”), o autor de “Canto de Muro” informa que quando o filho dele (que é o jornalista Fernando Luís Cascudo) estava doente de tifo no Recife, sua esposa e filha “tiveram que ir atende-lo e eu fiquei só, em casa. Ou bebia ou endoidecia, e para não beber e não endoidecer, mandei buscar na Faculdade de Medicina uns

microscópios alemães, fixadores, e fui estudar morcego, formiga saúva, que é uma obra-prima, besouro e o diabo”.

Mas talvez a vocação para estudar animais, em alguém que já tem um inseto e peixe (cascudo) como sobrenome familiar, foi ajudada também por uma infância cercada de bichos, caçando mocós e preás, vendo jangadeiros jogarem na praia o sortimento de peixes colhidos após noites em alto mar, e ouvindo o canto da mãe-da-lua (v. prefácio de Câmara Cascudo ao seu livro “Vaqueiros e Cantadores”). Seus próprios brinquedos presenteados pelo pai levavam referências animais, como na famosa foto onde ele está ao lado de um cavaleiro de madeira.

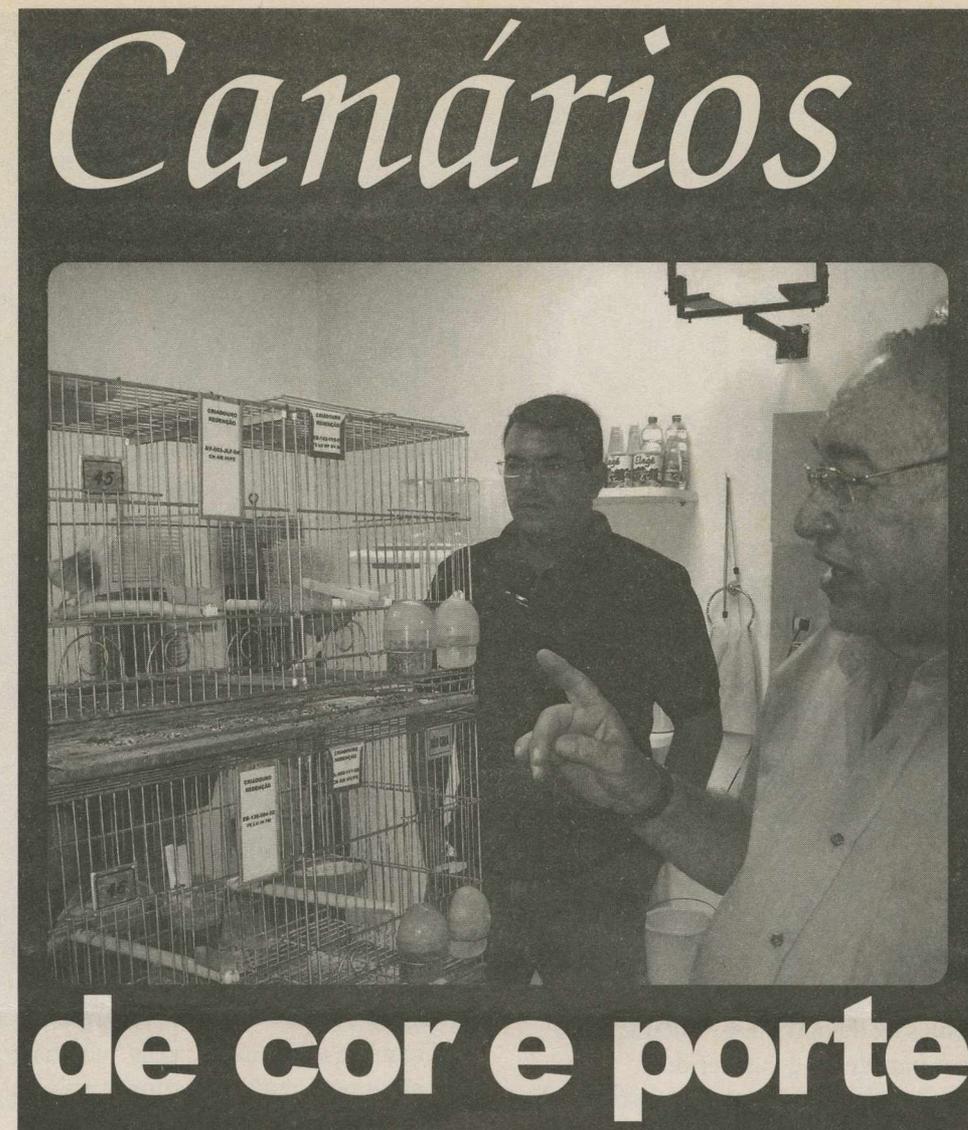
Texto e Foto: Edson Benigno

O canário é sem dúvida nenhuma, entre as aves, o que exerce o verdadeiro fascínio sobre o homem, porque ele atrai não só pelo seu canto, mas também pela beleza e a riqueza de suas plumagens. O canaricultor procura mais aquele que tenha a determinação do biótipo ideal, que apresente as características estéticas por ele almejadas. Para alcançar esse objetivo recolhe sempre o acasalamento de espécimes que mostram combinações harmônicas e compatíveis com os padrões estabelecidos pelo homem, ou seja, escolhe os mais bonitos.

A versão mais usada para definir a origem do canário é de que essa ave vem das ilhas do Atlântico em frente à Europa, de séculos passados, lá era seu habitat. Certa vez houve um vendaval muito grande e morreram quase todos os canários. Alguns navios que permaneciam na costa Funchal receberam através da ventania algumas destas aves que estavam voando e os tripulantes levaram para Holanda. Lá neste país tentaram criar os canários em cativeiros.

Muito tempo depois eles foram se reproduzindo em viveiros, até se extinguirem da natureza. Os canários que existem hoje são remanescentes dos que foram pegos naquela época. O canário original tem uma cor mais definida, no seu todo é uma ave verde, que em Portugal também foi chamada de Salsa, por causa da semelhança com a planta verde umbelífera muito usada em temperos. O peito dele é um pouco amarelo, devido ao pigmento que vai adquirindo na alimentação e se projetando nas penas. Seu nome científico é *serínus canários*, conhecido hoje como canários de cor, mas foram também chamados de canários belgas e do reino.

Os canários não devem ser mantidos em cativeiros, porque eles são aves pertencentes à Natureza. Só que os criadores colocam em cativeiros por-



que se não agissem desta forma hoje essas aves já estariam extintas. Além disso, o cativeiro serve para muitas outras coisas, como por exemplo: para o estudo do seu desenvolvimento, da sua condição genética, a transformação e o seu comportamento. Foi através das investigações que se descobriu que o canário é uma ave calma e doméstica.

Diante dos estudos ficou-se sabendo também que o canário original tem muitas mutações. Ocorreram mudanças genéticas desta ave em função do acasalamento. Na atualidade, em função das mutações, existem no canário 464 cores oficiais, registradas no livro geral que fica na Confederação Mundial de Canaricultores de Ornitologia na Holanda. Por causa das transformações nem todos os canários emitem sons constantemente; existem os que só cantam na hora do acasalamento, mas é a minoria.

Em Natal existe a União Norte-

rio-grandense de Ornitologia –UNO, uma sociedade civil com personalidade jurídica de direito privado, fundada no dia 16 de março de 1992. O seu presidente Jansen Leiros Ferreira, diz que a Associação congrega os criadores de canários de cor e de porte. Ele explica ainda que são mais de 20 raças diferentes, mas as origens de todos os canários são uma só. “Crie um canário de cor ou de porte, ajudando a preservação dessa ave doméstica, que harmoniza o ambiente onde vive e nos felicita com sua beleza e seu canto maravilhoso”, sugere.

Em Natal é realizado anualmente um evento, que inclusive é oficial e registrado na Federação Ornitologia Brasileira –FOB. Há o Nordeste de Canários, onde um conjunto de clubes da região nordestina se reúne todo ano e que de acordo com os Estados, os primeiros e segundos colocados são escolhidos para participar deste aconte-

Luiz Rodrigues e Jansen Leiros (à direita), da União Nordeste-rio-grandense de Ornitologia

cimento, que reúne uma média de 2.500 aves premiadas nos eventos locais. “Para se chegar ao Nordeste é feito uma seletiva em cada estado”- avisa Jansen Leiros Ferreira.

Luiz Rodrigues Júnior, secretário da UNO, diz que além da participação destes eventos a associação vem promovendo feiras com a finalidade de divulgar a criação de canários e ao mesmo tempo difundir a imagem da própria associação. “Esse ano, por exemplo, pela primeira vez vamos ter um local na Festa do Boi, que será realizada este mês em Parnamirim”- adianta.

Essa ave pela sua beleza e seu canto sempre chamou atenção de muitas pessoas, inclusive de grandes escritores potiguares, como Câmara Cascudo, que em seu livro “Canto de Muro” relata a impressão visual que lhe causou o vôo de um casal de canários ao sol do final da tarde. “Agora ao entardecer o casal revoa a goiabeira doméstica. Os filhos novos já estão alimentados com vermes brancos e fragmentos de insetos. Antes que a luz desapareça e a penumbra vista de escuro o quintal familiar, o canário atravessa, voando do muro para o ninho, levando na pequenina figura o derradeiro raio do sol”, diz poeticamente o escritor.

A criação de canários requer muita dedicação, paciência e amor por essas aves. O criador iniciante, muitas vezes é levado pelo entusiasmo, toma certas atitudes que o leva ao desestímulo e também ao insucesso, contribuindo para a desistência. Um descuido na higiene, por exemplo, pode precipitar o fim da criação. A falta de conhecimentos é outro fator negativo que conduz o principiante a praticar erros involuntariamente e muitas vezes irreversíveis. Aos norte-rio-grandenses interessados em entrar no ramo de criação de canários se aconselha a procurar a UNO ou visitar sites direcionados a essa ave, principalmente o da associação: www.uno.org.br.

Cena 1

Depois de revelar talento tocando trombone na Filarmônica 24 de Outubro, na popular Banda de Cruzeta, o jovem Alzimar Trajano da Silva, então com 22 anos, foi premiado com a oportunidade de estudar jazz durante quatro meses na Escola de Música de Luzern, cidade histórica situada a 70 quilômetros de Zurich, capital da Suíça. “É mais que realizar um sonho”, declarou. “Pretendo transmitir o conhecimento que eu adquirir aos meus colegas daqui”, disse. Enquanto o rapaz descortina novos horizontes para sua carreira profissional, o maestro Humberto Carlos Dantas, o Bembem, exibe com orgulho o CD que a Banda de Cruzeta lançou, em dezembro de 2002, com 12 composições de autores da região, entre elas “Royal Cinema”, valsa de Tonheca Dantas, e “Ernesto Galvão”, de Felinto Lúcio Dantas.

Cena 2

“O pensamento é minha paixão. Tudo o mais me é secundário e menor”, proclama, em tom filosófico, o poeta Ivaldo da Costa Mello, habitante da Serra de Martins, onde é considerado, pelos conterrâneos, como um dos maiores “pensadores” da cidade. Com dois livros publicados, e um jeito matuto de ser, ele vende sua produção aos turistas que se hospedam no Hotel Serrano ou que visitam o Museu Demétrio Lemos. O também martinense Raimundo Damasceno não é menos famoso como artista plástico, que se inspira na natureza para pintar aves silvestres, índios e paisagens da serra. Também se dedica a criar ornamentações de altares e esculturas de barro na cidade que fica a 384 quilômetros da capital.

Cena 3

Um cortejo inusitado ganha as ruas de Janduís, cidade do Médio Oeste potiguar, a 270 quilômetros de Natal, tendo à frente o palhaço Berg, que vai fazendo a alegria das crianças. O grupo mambembe Ciranduís, fundando em 1993, tem pelo menos 14 integrantes que se destinam a realizar um trabalho voluntário: o de levar cultura e educação ao povo que não tem acesso aos teatros. A atuação da companhia já rompeu os limites da cidade, alcançando Messias Targino, Campo Grande, Alexandria e até municípios do Ceará (Aracati) e Paraíba (Catolé do Rocha). “Preparo físico é importante para enfrentarmos um cortejo”, conta o ator Lindemberg da Silva Bezerra, coordenador do movimento.

Revista traduz a riqueza cultural da terra potiguar

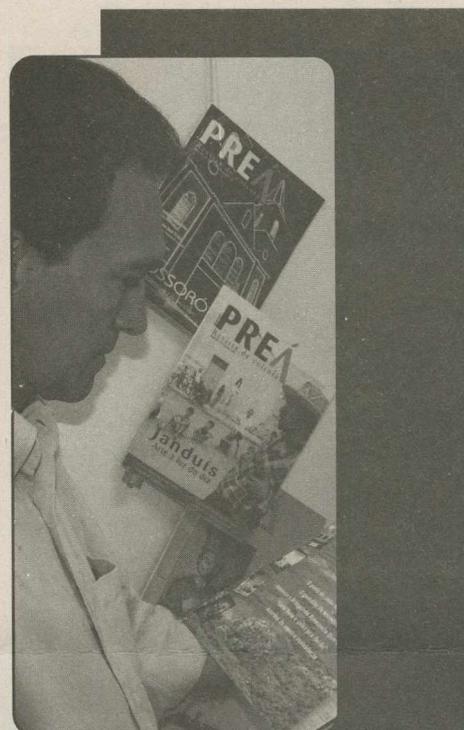
Texto: Moura Neto

Foto: JAIME PAULINO

Além de serem artistas e militantes de movimentos culturais no interior do Rio Grande do Norte, longe dos holofotes da imprensa, o que poderia haver mais em comum entre o músico Alzimar Trajano da Silva, o maestro Humberto Carlos Dantas, o poeta Ivaldo da Costa Mello, o artista plástico Raimundo Damasceno, o palhaço Berg e o ator Lindemberg da Silva Bezerra? Resposta: todos eles foram personagens da Revista “Preá”, editada pela Fundação José Augusto, órgão responsável pela política cultural do Governo do Estado. Criada na gestão Wilma de Faria, a revista tem se pautado em descobrir talentos que atuam nos grotões mais diversos, quase no anonimato, como autênticos representantes da cultura popular.

Desde que surgiu em maio de 2003, pelas mãos do ex-presidente da FJA, François Silvestre, a “Preá” tem tido o mérito de produzir reportagens aonde a imprensa convencional quase nunca chega, contando em suas edições refinadas, em policromia, um pouco da história de quem luta contra toda sorte de dificuldades para fazer arte e irrigar as raízes culturais do povo norte-riograndense.

Assim como Fênix, a ave mitológica que ressurge das cinzas, o preá “desaparece do sertão nas estiagens mais longas, nas secas mais cruas, retornando nas invernações e fazendo paragem nas margens dos córregos e riachos” - como foi explicado em editorial, no número de estréia, em alusão aos objetivos da revista: divulgar as manifestações culturais que seriam revitalizadas pelo Governo Wilma de Faria, dentro da política de interiorização da cultura e do turismo



O jornalista Táciato Costa diz que a Preá seria mais uma revista de cultura e arte no país, com seus artigos, ensaios, poesias, se não tivesse reportagens sobre os municípios potiguares.



que tem como carro-chefe as Casas de Cultura Popular, programa que já foi instalado em pelo menos duas dezenas de municípios pólos do Rio Grande do Norte.

“A Preá seria mais uma revista de cultura e arte no país, com seus artigos, ensaios, poesias e ficção, se não tivesse um componente que, a meu ver, fez toda a diferença. Refiro-me às reportagens sobre os municípios potiguares produzidas desde o primeiro número, que acabou por assumir um caráter etnográfico relevante, ao mapear toda a atividade cultural existente nestas localidades”, explica o editor Táciato Costa.

Segundo ele, as viagens para a produção das reportagens são precedidas de contatos telefônicos com as prefeituras dos municípios e lideranças culturais, grupos e artistas do município, com o objetivo de levantar informações para se fazer a pauta. “Até onde me lembro, pelo menos aqui no Rio Grande do Norte, essas reportagens em revista são algo inédito. O que descobri, ao longo de 17 revistas editadas, foi o quanto eu desconhecia a cultura existente nestes municípios. Desconhecia até o que tinha na minha cidade, Santana do Matos, onde morei até os 15 anos e aonde vou uma vez por ano, por ocasião da Festa da Padroeira”, conta Táciato.

Assim como o preá, “que reanima a espingarda de pederneira e alimenta com carne de franca riqueza protéica as famílias de agricultores e caçadores”, a revista homônima vem contribuindo, como porta-voz da política cultural que está sendo implementada em todo Rio Grande do Norte, e não apenas em Natal, para trazer das “secas mais cruas” do sertão os artífices da “invernada” que fazem ressurgir, ou perpetuar, a legítima tradição cultural do povo potiguar.

O Super Cupim e o combate à ditadura militar

Texto: Carla Xavier
Foto: Clóvis Santos

Para lutar contra os limites impostos pela ditadura militar, ninguém mais qualificado do que um super-herói. Sendo assim, em 1971, nascia o Super Cupim, para combater bravamente a ditadura dos quadrinhos americanos, que impediam a criação de quadrinhos alusivos à cultura verde e amarela. Sempre acompanhado de seu fiel escudeiro, a Pulga, o Super Cupim ilustrou por alguns anos as páginas de jornais como O Poti e Diário de Natal, além das revistas Gibi Notícias, Cabra Macho e Maturi.

As tirinhas do super-herói eram publicadas pelo Grupo de Pesquisa de Historia em Quadrinhos – Grupehq. Na verdade, o Super Cupim foi criado em 1964, pelo norte-rio-grandense Emanuel Cândido do Amaral. “Na época, com 13 anos de idade e morando em Rio Novo, zona da mata de Minas Gerais, pretendia criar um personagem, tipo super herói, voltado para o público infantil, mas que fosse genuinamente brasileiro. Criei o personagem, mas não produzi nenhuma história”, diz o quadrinista.

Emanuel explica que escolheu um cupim como ilustração para seu personagem porque, naquela época, via muitos cupinzeiros nos pastos em volta da cidade de Rio Novo e os estragos que eles causavam no madeirame e nos móveis de casa. A idéia era que o pequeno herói roesse a cara de pau dos vilões.

Dos 16 aos 18 anos o quadrinista se mudou com a família para o Rio de Janeiro e, embora não tivesse colocado no papel as histórias do seu super-herói, não abandonou a idéia de promover a produção de histórias em quadrinhos no país. E assim, quando voltou

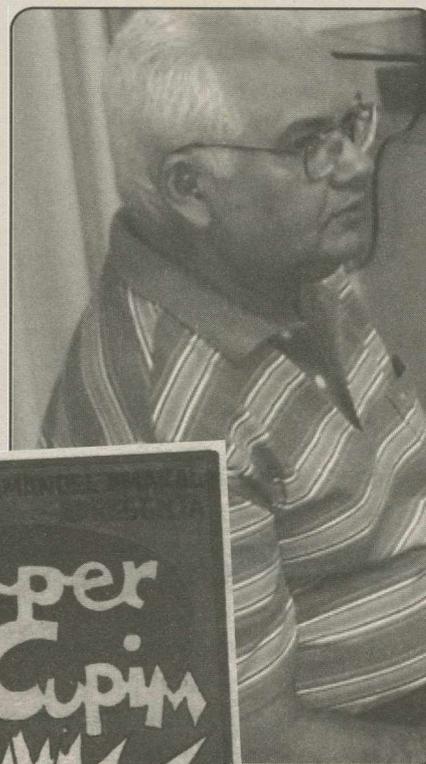
para Natal, em 1971, Emanuel decidiu criar um grupo de artistas, que produzissem quadrinhos, fazendo uso da temática local, que viria a ser o Grupehq.

O caminho não foi difícil. “Tive a sorte de já conhecer Evaldo Oliveira e os desenhistas da Rio Gráfica Editora, no RJ. Me faltava conhecer os talentos da terra e, assim, reuni Anchieta Fernandes, Falves, Ademar Chagas, Lindemberg Revoredo, Reinaldo Azevedo, D. Lucas Brasil e Luiz Pinheiro Filho, todos sonhadores como eu”, ressalta o Amaral.

A reunião desses quadrinistas e de seus desenhos resultou na 1ª Exposição de Histórias em Quadrinhos do Norte Nordeste e a criação do Grupehq, em maio de 1971. através do grupo de pesquisas, a turma começou a publicar seus quadrinho, com destaque para as primeiras histórias do Super Cupim.

A dupla, bem no estilo Dom Quixote e Sancho Pança, combatia a censura ditatorial de época, através de histórias carregadas de metalinguagem, que misturavam realidade e ficção. “As aventuras do magro e cumprido Super Cupim e da baixinha e gordinha pulguinha funcionavam como uma espécie de consciência cultural do Brasil, principalmente no Nordeste. O criador misturava-se com a criatura”, lembra Emanuel.

Tirinha após tirinha o Super Cupim roia a cara de pau dos traidores do povo e a madeira petrificada das maçãs encefálicas dos alienados



Amaral escolheu um cupim para seu personagem porque via muitos cupinzeiros nos pastos

culturais.

O herói aumenta seus poderes: Em pouco tempo, o Super Cupim fez sucesso e conquistou seus admiradores, como o escritor e também quadrinista Moacyr Cirne. O personagem chegou a ser tema de reportagens na Folha de São Paulo, na revista Vozes, no Almanaque dos Super Heróis, além de ser registrado em livros sobre Histórias em Quadrinhos. “O pequeno herói foi tema até de

debates na Escola de Comunicação da USP, além de inspirar músicas de rock e poemas”, lembra Emanuel.

Mesmo com o fim das tirinhas do Super Cupim, o herói não foi esquecido e deve ganhar um livro. “Recebi o convite do presidente da Capitania das Artes, Dácio Galvão, para lançar este livro, contendo histórias antigas e novas, o que deverá acontecer em breve”, afirma o criador.

A história em quadrinhos é um dos importantes elementos da formação cultural. A criativa linguagem dos quadrinhos, através da fusão de texto e imagem, envolve seu público. “Uma HQ pode também ser toda desenhada, sem utilizar uma única palavra escrita e, mesmo assim, ser compreendida. Através apenas de imagens é possível passar mensagens de conceitos filosóficos, políticos, ideológicos, entre outras, com ou sem humor, de alta qualidade”, explica Amaral.

Assim como o Super Cupim e sua fiel companheira, a Pulga, o Zé Carioca, o Bidú da Turma da Mônica e o Pato Donald, além de muitos outros animais, ilustram diversas revistinhas, espalhadas pelo Brasil e pelo mundo. Mais do que simples literatura infantil, os quadrinhos estrelados por animais funcionam como um espelho, que retrata a conduta do ser humano e de sua sociedade. O bicho perde sua característica natural, instintiva, e torna-se caricatura do homem.

O animal super-herói, mesmo quando mantém características de sua espécie, como o Super Cupim que roí a cara de pau dos seus inimigos, tem a função de simular atitudes humanas, através do exagero, para que, assim, sejam mais facilmente percebidas.

Newton Navarro:

um dos artistas potiguares mais completos

Texto: Carla Xavier

Um pouco de pintor, poeta, contista, desenhista, cronista, teatrólogo e orador. Assim podemos definir quem foi – e ainda é – um dos principais nomes da cultura norte-rio-grandense: Newton Navarro Bilro. Um dos artistas potiguares mais completos, Newton, em seus poemas e contos, por meio dos mais diversos animais, soube representar sentimentos e motivações humanas, tornando-as mais assimiláveis aos leitores.

Mais do que simples personagens utilizados para entreter o leitor, os animais funcionam como um espelho para homem e retratam a conduta do ser humano e da sociedade. Newton Navarro já demonstrava isso em sua primeira obra, “Subúrbio do Silêncio”, publicada em 1953. Um dos capítulos, intitulado “Bestiaries”, é composto por poemas sobre sapo, aranha e abelha.

No poema “Sapo”, Navarro compara o personagem Sapo Rei ao narrador do poema. O Sapo é detentor de um olhar sem brilho que exala morbidez, já o narrador tem os olhos cansados, que guardam lembranças. O corpo magro do Sapo queima e na água se esconde com sua repulsa moral. O narrador, que também é consumido pelas chamas, procura a morte e, ao contrário do Sapo, não quer se esconder.

“A Aranha” é um poema em que o narrador compara seu sentimento às ações da aranha. O doce nome de alguém, em um vai e vem de palavras, se equilibra nos lábios dele, assim como o pássaro que foi atacado pela aranha se equilibra na teia, preso por um fio, num movimento de vai e vem. No poema “A Abelha”, o narrador compara a vontade que tem de viver com seu amor escondido de todos, com as abelhas que guardam no escuro o gosto

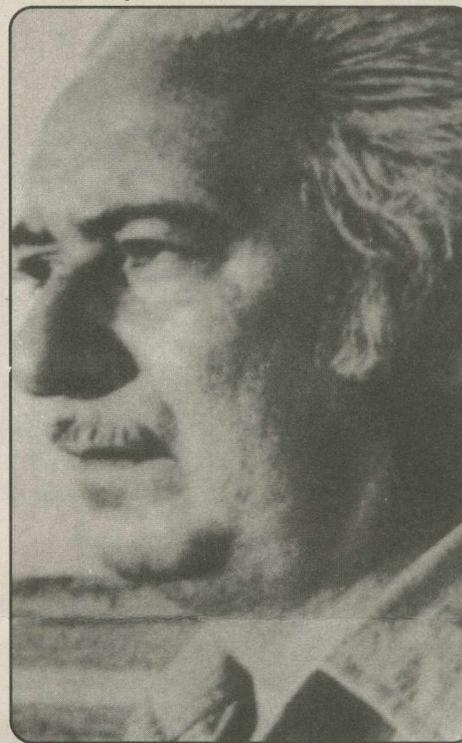
das rosas.

Em seu segundo livro, “O Solitário Vento do Verão”, de 1961, Newton Navarro escreve um conto, intitulado “As Três Serenas Manhãs do Galo Amarelo”. O autor torna o personagem Galo Amarelo uma caricatura do homem. Mesmo quando mantém elementos próprios de sua espécie – como ficar trepado no poleiro, soltar um canto ao amanhecer e bicar o milho no terreiro –, o Galo apresenta atitudes e sentimentos humanos, de forma exagerada, para que o leitor perceba mais facilmente.

O Galo Amarelo muda de terreiro e, ao chegar em outro terreiro, fica desconfiado, por não conhecer bem sua vizinhança. Vaidoso e orgulhoso de sua aparência, na primeira noite que passa em sua nova morada, o Galo se esconde, sentindo-se vigiado, com suas belas penas amarelas do peito amarrotadas, equilibrando-se, por alguns minutos, com um pé só, escondendo o esporão esperto sob a plumagem.

O conto discorre sobre três únicas manhãs do Galo Amarelo no terreiro. Em um primeiro momento fala da adaptação do Galo e descreve sua alegria e confiança, quando descobre um amor diferente pelas manhãs e sente mais vida nas horas matinais. A última manhã do Galo anuncia sua morte e, assim o autor, descreve toda tristeza e decepção do galo com a velhinha, que parecia gostar dele e, de repente mostrava-se falsa. O autor descreve com detalhes o sofrimento do galo, enquanto é abatido, sua incompreensão com aquilo: “Para que tudo aquilo? Porque não o tratavam como antes? Por que não o deixavam solto dentro da manhã, para que pudesse recompor suas belas penas amarelas? Por que não o deixavam em paz?”

Foto: Reprodução



Newton Navarro, poeta e contista inspirado em animais

Navarro ainda faz uso de animais em seu terceiro livro, publicado em 1970, “Os Mortos são Estrangeiros”. Em “A viagem do Boi Milonga”, o autor descreve a agonia de um vaqueiro por ter que vender seu boi amigo, para desafogar suas dívidas. No decorrer do conto, o Boi Milonga se mostra como o único amigo do vaqueiro. O Boi segue triste, não porque sabia que ia morrer, mas porque queria morrer na terra onde sempre foi criado, ao lado do seu fiel amigo. E assim, o vaqueiro desiste da venda e volta para casa com seu Boi, que naquela noite dormiu sossegado e feliz, para na manhã seguinte morrer como queria.

Em “Os Mortos são Estrangeiros”, Newton ainda escreve o conto “Os Cavalos”, referenciado por Carlos Drummond de Andrade – “A bela gravura sensual de Os Cavalos deixa marca na lembrança” – e por Jorge

Amado – “Em realidade gostei de todo livro. Os Cavalos, por exemplo, com o menino Pedro a olhar as ancas dos animais. Parabéns”. Nesse livro ainda existe o conto “Os Patos”, que descreve a caçada de Antônio, um ex-prisioneiro, e seu cachorro, aos patos. Antônio desiste da caçada e compara o pato abatido a um ex-companheiro de cela, torturado injustamente.

Em “30 Crônicas não Selecionadas”, Newton escreve sobre “O Gato que Pesca”, “Crônica com Cigarras” e o “Cão Pintado”, sempre atribuindo aos animais traços e sentimentos da condição humana, com o propósito de apresentar ao leitor críticas e conceitos da sociedade.

A sedução no verso, no gesto e na fala – Newton Navarro Bilro nasceu em Natal em 1928 e faleceu também na capital potiguar, em 1992. Escritor, artista plástico e membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Newton soube relacionar terra, bichos e gente de forma sensível e criativa, sempre enaltecendo em seus quadros o rio Potengi.

Na década de 60, fundou a Escolinha de Arte Cândido Portinari, que atualmente é chamada de Escolinha de Arte Newton Navarro. O artista foi um dos introdutores da Arte Moderna no Rio Grande do Norte. Newton também publicou seus textos nos mais diversos jornais e suplementos de Natal e outras cidades brasileiras.

A viúva do artista, Salete Navarro se dedica à preservação da memória de Newton, tendo fundado a Casa de Cultura Newton Navarro. “Ele foi um nome importante para várias áreas da cultura do Estado e incentivou outros artistas.

Navarro ainda publicou os livros “Beira Rio”, “De Como se Perdeu o Gajeiro Curio” e “O Palhaço”.



A Associação Norte-rio-grandense de Criadores tem mantido a tradição de realizar a Festa do Boi no Parque Aristófanos Fernandes, em Parnamirim



Tradição garante sucesso da Festa do Boi

Texto: Rosa Lúcia Andrade
Foto: Edson Benigno

A Festa do Boi é uma grande oportunidade para os criadores do Rio Grande do Norte mostrarem a qualidade do seu rebanho.

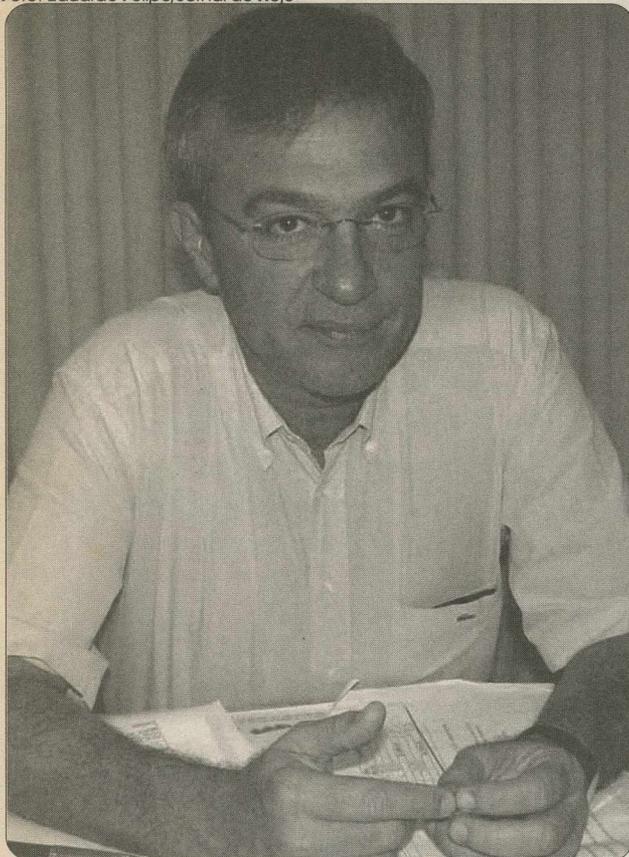
A tradição de criação de gado no Rio Grande do Norte é uma grande motivação para o sucesso de um dos eventos tradicionais da pecuária em nosso Estado, a Festa do Boi. Realizada anualmente em Parnamirim, no Parque de Exposições Aristófanos Fernandes, este ano tem sua 44ª edição, com um histórico de grandes festas não somente na parte de shows, que leva o maior volume de público, mas principalmente no que se refere a exposições, leilões e negócios.

Esta tradição é refletida na qualidade dos animais dos cerca de 400 criadores do Estado. Apesar de não ser um grande volume, devido às condições de área própria para essa criação, a qualidade é digna de prêmios de

importância nacional e internacional. O Rio Grande do Norte tem oito importantes títulos nacionais, obtidos ao longo dos anos de dedicação à pecuária, como o título de principal raça no país, em todas as categorias, para uma Nelore. Do gado nascido no Rio Grande do Norte existem seis prêmios.

O investimento em gado de qualidade é explicado pelo presidente da Associação Norte-rio-grandense de Criadores, José Bezerra Araújo Júnior, como uma tradição e uma ligação afetiva com esse tipo de criação que vem de pai para filho em várias gerações. No início da colonização do Estado, a criação de gado se estendeu para o sertão devido ao litoral estar tomado pelas plantações de cana-de-açúcar. Foi no sertão, onde os índios Tapuia se concentravam, que as criações soltas ganhavam os campos. Os próprios Tapuias ou seus descen-

Foto: Eduardo Felipe/Jornal de Hoje



José Bezerra: realização de grandes negócios

dentes já miscigenados, com sua cultura nômade, foram de grande valia para recolher o gado espalhado. Hoje, o sertão não é mais considerado o melhor local de criação.

As condições de vegetação e água no Seridó, onde se concentrou a maior parte da criação no início, foram responsáveis pela transferência do criatório para o Agreste e Litoral norte-rio-grandense.

No Seridó permanecem apenas pequenas criações junto a açudes. Levando-se em conta ainda a faixa estreita dessas regiões, embora o litoral longo, tem ainda a divisão das terras com o plantio de cana-de-açúcar. Este é um dos motivos de uma produção pequena no Estado.

O Rio Grande do Norte, com relação a outros da região Nordeste é considerado um pequeno criador.

Pequeno, mas de qualidade, insiste o presidente da Anorc. Quem visitar a Festa do Boi tem a oportunidade de ver os animais de porte do Estado. Este ano, ao contrário do que era visto até os anos 90 do século passado, não há criadores de estados como São Paulo e Minas Gerais, por exemplo. O problema é a condição do Rio Grande do Norte não ser considerado livre da

aftosa, embora há oito anos não tenha sido registrado nenhum caso da doença. Esta condição também impede dos criadores participarem de exposições em estados certificados como livre da doença. Uma perda para criadores que investem alto em seus animais e querem manter uma tradição secular.

A realização da Festa do Boi é uma das responsabilidades da Anorc. Criada em 1959, por necessidade dos criadores de controlarem a produção no Estado, entre suas atribuições está a promoção de feiras, exposições e leilões, sempre garantindo a qualidade local. Em 1955 o Parque de Exposições Aristófanis Fernandes já havia sido inaugurado com uma estrutura de 26,3 hectares, o que favoreceu a realização da primeira Festa do Boi, em 1962.

De lá para cá, com público garantido em todas as exposições, shows e rodadas de negócios, a Festa do Boi já faz parte do calendário anual de eventos no Rio Grande do Norte. A expectativa para este ano é que sejam gerados R\$ 10 milhões em negócios; R\$ 25 milhões em perspectivas de negócios, fora os leilões, comércio de produtos agrícolas, o restante do comércio como artesanato e comidas e os shows.



A Festa do Boi deve atrair negócios estimados em R\$ 10 milhões

Exposição de animais e shows para o público

A programação para este ano da 44ª Festa do Boi, entre os dias 14 e 21 deste mês, começou mais cedo com a parte de shows. Nos dias 11 e 13, antes da abertura oficial da exposição, aconteceram as apresentações das bandas que fazem o circuito desse tipo de festa. As apresentações prosseguem no dia 21, quando se encerra a Festa do Boi.

O julgamento das raças teve início no dia 14 e prossegue por toda a semana, com seus respectivos julgadores avaliando o gado, cavalos, pôneis, ovinos e caprinos. O público pode circular nos locais de exposição e conhecer algumas

raças de destaque. Este ano estão previstos seis leilões entre os dias 14 e 21. Serão leiloados animais de várias raças, cavalos e ovinos e caprinos.

A Festa do Boi conta ainda com venda de produtos agrícolas, venda de artesanato potiguar, comidas típicas. O Sebrae está presente com a realização da Feira do Empreendedor, entre os dias 17 e 21, com uma estimativa de público de 20 mil visitantes.

Além de salões de pequenas máquinas, franquias e moda, ainda são realizados cursos e palestras sobre empreendedorismo.

Os animais na capa

Neste nosso Estado do Rio Grande do Norte, onde os municípios se situam num mapa cujas linhas de contorno (como é sabido e visto por quem quiser conferir) prefiguram um elefante de perfil, alguns livros têm na capa um animal da fauna diversificada existente na Natureza. Seja como título, que remete direta ou indiretamente ao animal, seja apenas como ilustração simbólica. E nenhum gênero literário fica fora deste procedimento. Vejamos alguns exemplos:

POESIA

“**Seriema** e outros Versos”, de Francisco Amorim; “**Pássaro Oculto**”, de Aluizio Barros; “Em meu Peito de **Urso**, meu Grito de Mulher”, de Jaumir Andrade; “Pauta de **Passarinho**”, de Luiz Carlos Guimarães; “**Tigre** na Jaula”, de Osório Almeida; e “**Cachorro Magro**”, de Carlos de Souza. Este último ganhou o Prêmio de Poesia Otoniel Menezes, da Prefeitura Municipal de Natal, referente a 1999, sendo publicado no mesmo ano como vol. 17 da Coleção João Nicodemos de Lima, da editora Sebo Vermelho, de Natal. Na capa, o ilustrador Roncalli fez uma modificação da figura do centauro, colocando um corpo de cachorro no lugar do corpo do cavalo.

FICÇÃO

“Os **Molluscos**”, de Polycarpo Feitosa; “O Dia das **Moscas**”, de Neil de Castro; “De Como se Perdeu o Gageiro **Curio**”, de Newton Navarro; “**Ssserpentário**”, de Edna Duarte; “O Caçador de **Jandaíra**”, de Manoel Onofre Jr.; e o “Reino das **Joaninhas**”, de Camilla Cascudo Barreto.

Este último merece um comentário, para se apontar a importância que ele tem na literatura do RN. Foi publicado em 1983 pela editora carioca Achiamé, com capa e ilustrações pelo artista Tarcísio Mota. Como já foi dito algumas vezes, é o primeiro livro de literatura infantil do Rio Grande do Norte, publicado, e que foi escrito por uma criança, pois Camilla (atualmente, uma competente advogada), quando o escreveu em 1980, tinha apenas 10 anos de idade.

Se o avô da então menina-escritora já



escrevera seu ensaio ficcional com os animaizinhos observados a um **canto de muro**, o livro “O Reino das **Joaninhas**” completou as observações do mestre. Se o avô colocou no livro publicado em 1959 todo o seu acervo científico, formado em anos e anos de amor à pesquisa e à leitura, Camilla deu o toque de imaginação e ternura infantil, demonstrando também criatividade e humanismo.

ENSAÍSMO

“Manual do **Boi Calemba**”, de Deífilo Gurgel; “A **Onça** Malhada e o Espírito Castanho”, de Carlos Newton Júnior; “**Touros**, Uma Cidade do Brasil”, de Nilson Patriota; “Algumas **Abelhas** dos Sertões do Seridó”, de Oswaldo Lamartine de Farias; “**Cavalo** de Pau”, de M. Rodrigues de Melo. O ensaio de M. Rodrigues de Melo teve sua primeira edição publicada em 1953, pela Pongetti; e a segunda, uma edição fac-similar, integrou a coleção Biblioteca Pötiguar, da Fundação José Augusto, em 2002. É um precioso estudo da vida da criança nordestina antes da chegada das modernidades tecnológicas. A criança que brincava com cavalo de talo de carnaúba. É um retrato fiel do nosso interior nos primeiros cinquenta anos do século passado.

DESENHOS DE CAPA

Sem ter o título qualquer referência a animais, no entanto em alguns eles estão no desenho ilustrativo da capa. Veja-se, por exemplo: no romance “Quarteirão da Fome”, do professor Raimundo Nonato, publicado em 1949, aquele significativo desenho de Santa Rosa se torna mais forte com a presença do cachorrinho subnutrido. Outro romance, “As Filhas do Arco-Íris”, do paraibano/potiguar Eulício Farias de Lacerda, publicado em 1980 pela Ática, tem uma belíssima capa colorida (obra de Wanduir Durant), sugerindo o vôo poético das mulheres-borboletas. (Anchieta Fernandes)